

**AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO PIAGETIANO SOBRE AS
RELAÇÕES ALUNO, ESCOLA E FAMÍLIA**

***AFFECTIVITY AND LEARNING: A PIAGETIAN ATUDY ON STUDENT, SCHOOL
AND FAMILY RELATIONS***

Roberta Rodrigues Alberto¹

Rinaldo Guariglia²

RESUMO

O objetivo é investigar a relação entre o sucesso de aprendizado e o estímulo familiar e escolar. A metodologia utilizada para sua elaboração foi a pesquisa bibliográfica, e a pesquisa exploratória, que tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, objetivando a elaboração de problemas mais exatos para pesquisas posteriores, promovendo familiaridade com o problema. Geralmente a criança que tem falta de afetividade apresenta problemas de aprendizagem, os quais geralmente são verificados pela educadora, e que devem ser notificados a psicopedagoga da escola. O princípio de que o ser humano não é um sujeito acabado desde o nascimento. E está contido na observação que ele se constitui ao longo de seu desenvolvimento e de maneira tão peculiar e única. Exige-se um estudo organizado para serem conhecidas as formas e as condições em que um sujeito vai se formando ao longo de sua vida. A família torna-se responsável pela proteção da criança, da infância à adolescência, desde a alimentação, até a socialização. Sua importância é vital, desde a concepção, garantindo ao recém-nascido sua participação em uma rede família.

Palavras-chave: afetividade; aprendizado; escola; família.

¹ Graduação no Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: robertarodrigues_17@hotmail.com

² Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: guarigliar@hotmail.com

ABSTRACT

The objective is to investigate the relationship between learning success and the family and school stimulus. The methodology used for its elaboration was the bibliographic research, and the exploratory research, whose main purpose is to develop, clarify and modify concepts and ideas, aiming at the elaboration of more accurate problems for later researches, promoting familiarity with the problem. Generally the child who has a lack of affectivity entails learning problems, which are usually verified by the educator, and that should be notified to the school psychologist. The principle that the human being is not a finished subject at birth, is contained in the observation that it is constituted throughout its development and in such a peculiar and unique way, requires an organized study to be known the forms and the conditions in which a guy is forming throughout his life. The family becomes responsible for the protection of the child, from childhood to adolescence, from food, to socialization. Its importance is vital, from conception, guaranteeing the newborn its participation in a family network.

Keywords: affection; learning; school; family.

1 Introdução

Esta pesquisa bibliográfica na área de Educação, com vertente interdisciplinar, tem o objetivo de estudar as relações de interdependência entre afetividade e o desenvolvimento do aprendizado em crianças na faixa etária de zero a cinco anos, sob a ótica do desenvolvimento infantil por Jean Piaget.

Especificamente, estudaremos a importância para o desenvolvimento de uma das habilidades cognitivas fundamentais para o aprendizado: o raciocínio lógico. Utilizaremos a teoria Piagetiana como teoria norteadora desta pesquisa de Cunho bibliográfico.

É nítido e notório que algumas crianças apresentam uma dificuldade na aprendizagem, no que tange a este ponto, o estudo apresentado notou que em algumas dessas crianças a falta de afetividade tem sido o causador deste problema.

O Estudo de como a criança adquire conhecimento, desenvolvido por PIAGET foi um norteador do presente trabalho, através do estudo bibliográfico podemos

entender que toda a criança tem em si o método cognitivo já em seu ser, sendo que ele parece estar travado em determinadas crianças pela falta afetividade, fazendo com que este ato de adquirir conhecimento seja de alguma forma mais lento.

Quando identificada a situação, o trabalho desenvolvido deixa claro que a forma de se tratar é em conjunto com a família, havendo interação entre família e escola, a fim de que nas crianças de zero a cinco anos, essa situação seja normalizada e ela possa ter seu desenvolvimento em aprendizagem normalizado.

2 Linguagem e Pensamento em Piaget

Segundo Berberian e Bergamo (2009) o construtivismo foi elaborado por Jean Piaget e influenciou diversas abordagens posteriores, as quais ficaram conhecidas como cognitivismo. Piaget e a geração de intelectuais foram influenciados pela dialética hegeliana, na qual a transformação dos homens e do mundo depende do conflito que se observa entre um certo estado de coisas de oposições que lhes impõe.

De acordo com Piaget (1993, p. 78 apud BERBERIAN; BERGAMO, 2009 p.55):

A linguagem não constitui a origem da lógica, mas pelo contrário, é estruturada por ela. Em outros termos, as raízes da lógica terão de ser buscadas na coordenação geral das ações (incluindo condutas verbais) a partir do nível sensório-motor cujos esquemas parecem ter importância fundamental desde o princípio.

Portanto a teoria de Jean Piaget é chamada por ele de epistemologia genética ou teoria psicogenética, mas é mais conhecida como concepção construtivista da formação da inteligência, ou apenas construtivismo (BESSA, 2010).

O termo *epistemologia* significa estudo do conhecimento; *epistemo* vem de *episteme*, que significa conhecimento e *logia* significa estudo (BESSA, 2010).

O termo “genética”, em Piaget, não está relacionado aos modelos hereditários, de transmissão de conteúdo genético de pais para filhos, e em sua teoria significa origem, pois vem da palavra gênese.

Assim entende-se:

Tabela 1 – Epistemologia genética

Epistemologia	Genética
Conhecimento / estudo	Origem

Fonte: Bessa, (2011)

Piaget, conforme Bessa (2011), procura explicar como o indivíduo, desde seu nascimento até sua fase adulta, constrói o conhecimento. Pelo fato de ser a construção do conhecimento o processo sobre o qual Piaget lança seu olhar durante suas pesquisas, apelidou-se sua teoria de construtivismo e a prática pedagógica baseada na teoria de Piaget de construtivista.

Berberian e Bergamo (2009) explicam que Piaget, assim como toda a geração de intelectuais da qual ele fazia parte, foi fortemente influenciado pela dialética hegeliana esquematizada da seguinte forma: a transformação dos homens e do mundo depende do conflito que se pode observar entre certo estado de coisas e as oposições que se lhes impõem.

Entende-se que a partir do primeiro estágio, a criança constrói um conjunto de estruturas cognitivas que lhe servirão de base para o desenvolvimento da função simbólica (BERBERIAN, BERGAMO, 2009).

Ainda de acordo com Berberian e Bergamo (2009) o processo dialético que não tem um fim, embora seja a cognição que estrutura a linguagem, Piaget também afirmou que, a partir da sua aquisição, as estruturas cognitivas passam a ser transformadas também pela linguagem, ou seja, pelas formas simbólicas de representação e interpretação do mundo.

Rosa (2009) cita que para realizar essa tarefa, o professor não deve deixar o aluno se esforçar sozinho para entender por que coisas que se fala parecido tendem a ser escritas de modo parecido “O professor deve ajudar o aluno a refletir sobre palavras retiradas de textos lidos” (além de outras que são significativas para o aluno). É essencial praticar a leitura e a escrita no cotidiano escolar “trabalhar com palavras, propiciar aos alunos refletir sobre elas, montá-las e desmontá-las”.

Segundo Piaget (1996), nenhum conhecimento, mesmo que puramente através da percepção, não é simples cópia do real ou se encontra totalmente determinado pela mente do indivíduo. É o produto de uma interação entre o sujeito e o objeto, é a interação provocada pelas atitudes espontâneas do organismo e pelos estímulos externos. E esse conhecimento é, portanto, aprendizagem, fruto de uma relação que nunca tem um sentido só, é o resultado dessa interação. E a afetividade é a energia que move as ações humanas, sem ela não há interesse e não há motivação para a aprendizagem.

3 Contribuições de Piaget

A teoria piagetiana é classificada como interacionista, uma vez que entende o processo de aquisição de conhecimento como derivado das múltiplas interações realizadas pelo sujeito com os objetivos do meio no qual está inserido (BESSA, 2010).

Tal teoria é chamada pelo próprio Piaget de Epistemologia Genética ou Teoria Psicogenética conhecida como Construtivismo, ou estudo da origem do conhecimento. A ação do sujeito sobre o objeto na busca do conhecimento é para Piaget, um processo que não para de acontecer e que contém em seu interior outro processo contínuo denominado de equilíbrio majorante (BESSA, 2010).

O processo de equilíbrio majorante compreende etapas constitutivas do ato de aprender, que compreende desequilíbrio, assimilação, acomodação e equilíbrio. Então esse processo pode ser definido com o qual o sujeito passa de um estágio de menor conhecimento a um estágio de maior conhecimento, indo do desequilíbrio ao equilíbrio por meio de assimilações e acomodações constantes.

Piaget (1978) classificou os estágios de desenvolvimento em quatro, são eles:

- ✓ Estágio sensório-motor (0-2 anos): neste estágio, o bebê conhece o mundo por meio dos seus sentidos e de seus atos motores, que no início são involuntários. A inteligência é prática;

- ✓ Estagio pré-operatório (2-7 anos): caracteriza-se pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior. Esse período é conhecido como a idade da curiosidade, pois a criança pergunta o tempo todo;
- ✓ Estagio operatório-concreto (7-12 anos): a criança desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade.
- ✓ Estagio operatório formal (11 anos acima): compreende as fases a partir dos 12 anos, neste período a criança, amplia as capacidades conquistadas nas fases anteriores e já consegue raciocinar nas hipóteses na medida em que ela é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e através deles executar operações mentais dentro de princípios da lógica normal.

Piaget (1936 apud SÁ, 2006) atribuiu nítida importância às relações sociais entre as crianças para o desenvolvimento afetivo e intelectual. Quando as relações ocorrem entre os alunos, a cooperação torna-se uma possibilidade real.

Segundo Bessa (2010) a contribuição de Piaget para a pedagogia tem sido inestimável devido às indicações sobre os estágios adequados para serem ensinados conteúdos às crianças, sem desrespeitar suas reais possibilidades mentais, de acordo com o seu desenvolvimento intelectual e afetivo.

Para Piaget, a posição que se sustenta é que o marco da teoria do desenvolvimento cognitivo é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da lectoescrita, que significa um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar de um conhecimento senão quando compreende seu modo de produção, quando o reconstituiu internamente. No Brasil, Piaget tem sido a referência teórica básica na área da educação e da psicologia.

3.1 Raciocínio lógico

A resolução de problemas matemáticos está sempre associada à lógica, ou seja, é preciso usar o raciocínio lógico quando se analisam os problemas a serem resolvidos.

Piaget (apud AGUIAR, 1997) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo indispensável à prática educativa. Ele também acredita que o jogo é essencial na vida da criança, pois quando jogam, assimilam e podem transformar a realidade sendo uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil.

Para o autor, Piaget (1990) os jogos são divididos em três classes que estão relacionadas a três fases do estágio de desenvolvimento cognitivo, são elas:

- ◆ Fase sensório-motor: vai desde o nascimento até aos dois anos, a criança nessa fase brinca sozinha e não cumpre regras, pois não tem noção delas, a criança nesta fase não tem pensamentos já que não possui capacidade de imaginar eventos como referir-se ao passado e futuro;
- ◆ Fase pré-operatória: vai dos dois anos aos 7 anos, surge à linguagem oral e a criança começa a formar esquemas simbólicos, com o qual a criança passa a substituir pessoas, ações, situações e objetos por símbolos. Durante as brincadeiras surge o conceito de regras;
- ◆ Fase das operações concretas: dos sete aos 11 anos, o pensamento da criança torna-se livre da realidade concreta, que faz trabalhar com a realidade possível além da realidade concreta. A criança é um ser social quando joga em grupo e utiliza regras.

Piaget defende a importância de diferenciar a predominância dos aspectos afetivos, ou seja, os interesses, dos aspectos negativos nos meios, as estruturas. Ele se opõe a dicotomia feita entre ação primária e ação secundária, pois para ele as duas possuem aspectos afetivos e cognitivos. Utilizou-se do termo esquemas afetivos para designar as construções equivalentes sobre os sentimentos iniciais da criança, diretamente ligados as satisfações de suas necessidades. Encontrou no conceito de

“força vontade” uma função reguladora exposta para a construção do pensamento lógico.

4 Afetividade e Comportamento Humano

Segundo Bessa (2010) as preocupações com o comportamento humano do século XX se diferenciam do século XXI em função dos avanços tecnológicos. É preciso destacar que os primeiros estudiosos das teorias cognitivas foram os americanos, que estavam preocupados em estabelecer um novo paradigma para o estudo do comportamento humano.

Mesmo com os estudos contínuos sobre o desenvolvimento humano, Bessa (2010, p. 259) destaca:

Mas mesmo esses avanços e os mais diligentes estudos ainda deixam em aberto algumas questões sobre o comportamento humano. O seu caráter biológico ainda é nebuloso e sua ação sobre o mundo, criando cultura e materialidade, ainda intriga os psicólogos pela origem de tal criatividade. Afinal, onde ela habita? Nas profundezas de um cérebro, nas asas da imaginação da mente ou é simplesmente um comportamento social? Pelos estudos realizados, podemos perceber que necessitamos contribuir nessa construção – e nossa contribuição se dá na proporção em que, com nossa prática, pensamos e buscamos visualizar uma ação comprometida com a formação de sujeitos capazes de participar melhor da sociedade.

Na concepção de desenvolvimento humano, a educação está voltada para o condicionamento do aluno com atividades controladas de estímulos, reforços e recompensas.

Alguns educadores consideram essas estratégias as mais adequadas para controlar os resultados de aprendizagem. A busca de fatores de interação do meio com o sujeito é necessária para entender quem é a criança com a qual a educadora trabalha, e como a criança se comporta frente à afetividade.

É preciso, também, compreender que a educadora tem um papel fundamental no conhecimento do desenvolvimento infantil e na utilização desses conhecimentos na sua prática pedagógica. Dessa forma, a educadora precisa compreender a criança como um ser em desenvolvimento e que ainda não está pronto e acabado.

Nesse sentido, a afetividade tem papel fundamental, ou seja, quando a criança tem, por parte de sua família, uma afetividade normal, isto é, é respeitado como criança e tem suas responsabilidades, o desenrolar entre ela e sua educadora flui melhor, pois essa criança tende a ter um comportamento favorável por ser uma criança emocionalmente equilibrada.

Bessa (2010) explica que as notícias da mídia afirmam que cientistas têm encontrado áreas mentais e cerebrais responsáveis pelas mais diferentes funções e tarefas cognitivas na vida das pessoas. No campo educacional os estudos têm possibilitado saber como a criança aprende, como ela processa as informações vindas do meio externo e como seu cérebro se comporta diante das atividades que são importantes para o desenvolvimento infantil.

Sendo assim, a didática da educadora pode e deve ser melhorada como forma de aproveitar o desempenho cognitivo e afetivo das crianças estudantes.

Cabe ao educador oferecer a seus alunos oportunidades de acertos, experiências positivas que os conduzam ao desejo de continuar aprendendo para continuar acertando. Será necessário que o educador presenteie o aluno com um recurso valioso e que nada custa: o elogio. Elogiar é altamente reforçador do sucesso. Talvez o elogio seja a gênese da afetividade para a educação escolar.

Afirma Piaget (apud BARROS, 2002) que, desde os primeiros dias de vida, é necessário que o bebê receba estimulação visual, auditiva e tátil e que ele tenha uma variedade de objetos para manipular e de possibilidades para se movimentar. Sua atividade intelectual, nos primeiros meses, é sensório-motora, isto é, consiste em receber o ambiente e agir sobre ele.

Piaget também diz que a criança pré-escolar está na fase pré-operacional, isto é, ela é capaz de representação mental de objetos ausentes, o que lhe permite iniciar a utilização de símbolos. Com o desenvolvimento da representação simbólica, a criança torna-se capaz de aprender a linguagem.

4.1 Crianças sem afetividade e seu comprometimento educacional

A educação se inicia com a família, após, com a escola, porém, nem toda família arca com essa responsabilidade, e a escola nem sempre se prepara para lhe

dar com esse tipo de situação, de forma há solucionar ou intervir auxiliando o aluno e os pais, começa então o jogo de empurra-empurra, dificultando a construção das noções sociais necessárias para seu desenvolvimento, mesmo porque envolve em muito a afetividade, que estará prejudicada, prejudicando também a relação com a educadora.

A criança sabe que vai para a escola para aprender, geralmente a família a prepara para essa etapa. A educadora orienta e apresenta os conhecimentos de forma sistematizada, chama a atenção para a diversidade de aspectos que os conceitos apresentam, ensina a ler e a escrever, ensina também a utilizar os materiais escolares, ensina sobre um comportamento o qual a criança ainda não diferencia em casa, essa criança vai interiorizando formas de agir, de pensar e de racionar de acordo com os moldes escolares.

Cada criança, ou aluno, tem sua peculiaridade, cada criança é única, e todas chegam com comportamentos diferentes entre elas. Cada qual segue as rotinas familiares, e muitas se destoam em virtude da falta de afetividade.

Segundo Serra (2009) a psicopedagogia se ocupa da compreensão do processo de aprendizagem do indivíduo e do seu grupo, considerando todos os aspectos que nela influenciam, tais como a escola, a família e a sociedade, buscando a interação dos aspectos cognitivos, sociais e afetivos do indivíduo.

Afetividade significa, segundo o dicionário online português, Psicologia Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual.

A escola é um espaço de múltiplas aprendizagens transmitindo cultura, valores e forma o indivíduo do ponto de vista afetivo e social.

Para Bock (2000) a escola cumpre o papel de preparar as crianças para viverem no mundo adulto, trabalhando e assimilando a cultura, as regras sociais, os conhecimentos básicos, os valores morais coletivos, os comportamentos considerados adequados pela sociedade, estabelecendo uma mediação entre a criança e a sociedade.

Os valores morais são importantes e foram criados socialmente para facilitar a convivência entre as pessoas, embora muitas vezes eles sejam utilizados como

forma de dominação. Para Piaget existe uma homogeneidade entre os aspectos cognitivo, afetivo, social e ético.

A maioria dos alunos com problemas de indisciplina fica com a imagem muito desgastada na escola, e a relação com a equipe pedagógica nem sempre é positiva. Recomenda-se, segundo Serra (2009), investir na autoestima desses alunos para que construam vínculos afetivos adequados e passe a acreditar na própria mudança.

O fracasso escolar é geralmente observado por meio de repetência e da evasão dos alunos, ou da permanência na escola caracterizada pelo ritmo de aprendizagem diferente dos demais, das dificuldades de motivação e por um intenso sentimento de infelicidade em relação à vida escolar (SÁ, et al, 2006).

Frente as altas taxas de insucesso escolar, ainda se tenta localizá-la na própria criança, deixando a problemática ser resolvida pela família e pelo profissional de saúde. Para compreender as crianças que não aprendem, é necessário que o educador resinifique o termo aprendizagem, ou seja, será necessária uma maior dedicação com interesse proposital, a fim de que seja identificado em cada criança o que a motiva para uma melhor aprendizagem e posteriormente aplicar de forma pessoal e familiar o identificado.

As escolas têm suas queixas em função das dificuldades de aprendizagem, das famílias que não lhes dão o necessário suporte emocional, cultural e material (SÁ et al., 2006). São elas:

1ª queixa - Nas turmas, há sempre muitos alunos que não conseguem aprender;

2ª queixa - Os alunos geralmente não se comportam bem na escola, não tem limites, não obedecem;

3ª queixa - Os alunos não respondem, com interesse, as propostas que a escola se esforça em elaborar;

4ª queixa - É difícil avaliar a aprendizagem dos alunos;

Essas queixas, que são compartilhadas por todos que vivem o ambiente escolar, seja pedagogo, psicólogo ou psicopedagogos, estão relacionadas inclusive com a falta de afetividade, olhando pelo prisma família. O aluno necessita de uma

compreensão mais detalhada por parte desses profissionais para que ele não tenha as dificuldades de aprendizagens peculiares do estado emocional.

4.2 Crianças com comprometimento educacional: família e escola

Família é uma designação usada para uma instituição tão antiga quanto a humanidade. Constitui um grupo específico, com funcionamento e regras próprias, partilhando mitos, fantasias e conceitos, que permitem respostas adequadas tanto a situações de crise como a de sucesso dos membros isoladamente (AZEVEDO; GUERRA, 2000 apud FEIJO, 2008).

Família é o ente responsável pela formação moral e desenvolvimento físico do ser humano, introduzindo-o na realidade social. E é através da convivência familiar que nos preparamos para viver no presente e no futuro. O Estado não pode substituir a família em sua tarefa de criar e educar o ser humano:

Viver em família é a melhor forma de resguardar a dignidade da criança e do adolescente, permitindo-lhes um desenvolvimento pleno. Por isso mesmo, o desiderato do legislador é manter o menor vinculado à família consanguínea. Não sendo isto possível, deve o Estado conceder a guarda, a tutela ou a adoção a quem tenha condições de atender às suas necessidades, devendo-se evitar a colocação em abrigo ou orfanato, por ferir o direito de convivência familiar (DONADELI, 2008, p.40-43).

Muitos são os significados da palavra família segundo o dicionário:

Comunidade formada por um homem e uma mulher, unidos pelo matrimônio, e pelos filhos nascidos desse casamento; unidade espiritual, constituída das gerações descendentes de um mesmo tronco, e portanto, fundada na consanguinidade;

Comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros, ou por descendentes de um tronco ancestral comum, e estranhos admitidos por adoção (AZEVEDO E GUERRA, 2000, apud FEIJO, 2008).

A família corresponde a uma instituição que exerce uma influência significativa durante todo o processo de desenvolvimento do indivíduo, sendo

encarada, geralmente, como um grupo que apresenta uma organização complexa e que está inserido em um contexto social mais amplo, mantendo com esta constante interação (BIASOLI-ALVES, 2004).

Família é o princípio de tudo, desde os tempos remotos, como os homens da caverna, já existia a família, e em qualquer sociedade do planeta, a família está sempre presente, garantindo a sobrevivência mesmo que ainda seja menos sentimentalista.

Conforme Kaloustian (2002), o Brasil cada vez mais urbano, vem sendo marcado por profundas transformações sociais, econômicas, culturais, éticas e mesmo ao nível do comportamento humano. Permanece, contudo, um consenso em torno da família, como espaço privilegiado para a prática de valores. A atenção à família, através de políticas públicas adequadas, constitui-se sem dúvida em um dos fatores condicionantes das transformações às quais a sociedade brasileira aspira, e um dos eixos fundamentais da política para a criança e o adolescente.

Como mencionado muitos são os significados da palavra família, no entanto o presente trabalho não leva em consideração esse conceito, mas sim a afetividade que a criança recebe no seio familiar, portanto a questão não é quem são, e como foi constituída a família, mas sim a afetividade que a criança recebe, e como reflete no ambiente escolar.

De acordo com Goulart (2005), a criança terá a construção de seu aparelho psíquico no ambiente familiar e, conseqüentemente, também o modo de estabelecer relação com o conhecimento. Suas primeiras experiências frente ao novo, ao desconhecido, serão importantes na construção de sua maneira de se aproximar e se apropriar do conhecimento.

A partir do nascimento, iniciará uma exploração da realidade, observará seu meio e fará aquisições conceituais que influirão em sua maneira de lidar com as aprendizagens futuras e, principalmente, com as aprendizagens escolares. Os pais têm grande expectativa em relação ao desenvolvimento dos filhos e, conseqüentemente, ao seu desempenho escolar.

Com frequência, associam o sucesso do filho nos estudos ao correto exercício de seus papéis de pais. A escola será o primeiro grupo social do qual a criança fará parte depois da família, e tem uma grande importância na imagem que os pais terão frente a sociedade. O mau desempenho escolar

de um filho pode repercutir em sentimento de fracasso dos pais. Este sentimento leva a conflitos e angústia que, frequentemente, culminam em um ambiente crítico e acusador, alterando a dinâmica familiar que tomara como foco principal aquele que apresenta o sintoma (GOULART, 2005).

Pais frustrados frequentemente são agressivos quer por palavras quer por atos, gerando um nível de tensão nocivo para todos e que só agravará os problemas de aprendizagem dos filhos. A maneira como vivem sua união, se conflituosa ou não, também pode repercutir de maneira significativa no sujeito que apresenta distúrbios na aprendizagem, conforme Goulart (2005).

Mathias (2006, p. 59) cita:

Acredito que os pais são um tipo de “orientador educacional” e que precisam saber orientar, ter sensibilidade no contato com o filho, mesmo que haja punição. Existe a necessidade da família estar em sintonia com o processo de transformação, reconhecendo ao mesmo tempo, que vivemos em um mundo em constante transformação. (...) se os pais conseguem ser amigos, compreensivos, estar presentes em todas as situações da vida do filho, aconselhando, censurando, “segurando as barras”, estarão reconquistando-o e possibilitando o seu crescimento. A família é sempre o porto seguro do filho, onde ele irá construir a sua formação e os seus valores de vida.

Os pais são os principais responsáveis pela educação de seus filhos, e a tal responsabilidade não se pode renunciar. Para isso contam com a autoridade natural que vem do fato de serem os procriadores; portanto se trata de não perder essa autoridade, fazendo dela um uso adequado.

A falta de afetividade aliada a agressividade dos pais é o conjunto que de alguma forma tem o potencial de bloquear o processo de aquisição do conhecimento fazendo com que a criança não desenvolva suas capacidades cognitivas esperadas, trazendo lentidão a aprendizagem, inclusive em alguns casos trazendo consequências emocionais.

Atualmente o pedagogo é o professor. É aquele que transmite o conhecimento para todos aqueles que frequentam a escola. E dentro desse conceito, o pedagogo não pode simplesmente passar aquilo que conhece para seus alunos, ele precisa ser induzido pela proposta pedagógica da escola.

Se algumas vezes as famílias não têm correspondido ao que os educadores esperam, é preciso conhecer as razões que motivam esse distanciamento. Para tal,

a escola e os educadores precisam se despir da postura de juízes que condenam sem conhecer as razões e incorporarem o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido (PENTEADO, 2006).

Segundo Oliveira (2002 apud VANTI, 2012), a busca de uma proposta pedagógica para a escola deve partir das discussões democráticas e participativas da comunidade escolar à cerca das experiências infantis com a realidade cultural das suas necessidades educativas expressas no currículo e nos objetivos ligados ao desenvolvimento humano.

Dentro dessa proposta existem muitos quesitos. Um deles e que tem peso importante para a sociedade é a imagem da escola.

Conforme Pinho (1951 apud VANTI, 2012), uma instituição é como uma pessoa: tem personalidade e estilo próprio. Esse estilo institucional se mostra ao público por meio de uma linguagem também própria, uma linguagem institucional.

Sendo assim, cabe também ao pedagogo, passar a imagem da escola, ou seja, a escola é vista como uma totalidade, capaz de comunicar à comunidade, sua imagem, seu ideal.

Para Vanti (2012), os projetos refletem uma imagem da escola, e na realização desses projetos, seus sucessos e insucessos e a reflexão coletiva da equipe de dirigentes, pedagogos e outros, é que será sedimentada a cultura organizacional da escola.

A função educacional foi deslocada da família, eclodindo um verdadeiro elo entre a família e a escola, mas, devido às exigências do mundo moderno, a família precisou recorrer a centros especializados, o que demandou no estreitamento e na convergência das relações entre família e escola, articulando suas ações educativas, uma mudança social. Este novo cenário, esta configuração social, estabelece que as famílias recorram a sistemas pedagógicos, aos quais fica concentrada e confiada a função educacional, demarcando a “pluralidade das infâncias”, que é articulada pelas estruturas familiares e novas estratégias de organização, inserindo-se nesse contexto outras pessoas e outras instituições (STEIN, 2010, p. 233).

Geralmente a família tem um grande interesse em conhecer o pedagogo do filho. Todos os detalhes que conseguir sobre a pedagoga são fundamentais para

uma concepção negativa ou positiva dela. E isso se estende para a escola. Famílias não querem seus filhos frequentando escolas com concepções sociais negativas:

É importante destacar que os indivíduos que formam a escola e os grupos mudam o próprio contexto em que trabalham. As organizações educam, o contexto escolar tem dimensões fortemente pedagógicas. Os profissionais e usuários da escola aprendem com a organização e as próprias aprendem, mudando junto com os seus profissionais (VANTI, 2012, p. 72).

Essa preocupação com a imagem da escola favorece a relação da família com a própria escola. São pessoas de dentro e de fora da escola que vão conviver juntas por um bom período de tempo, sempre a favor de passar um bom aprendizado ao aluno.

A socialização é outro fator muito importante a ser observado, pois é extremamente relevante para a construção da afetividade. A família e a escola devem se preocupar com a socialização de suas crianças. Para Bessa (2010) socializar significa apresentar a criança às regras sociais presentes nas relações estabelecidas com as outras pessoas. A família faz isso quando, no dia a dia, mostra a autoridade materna e paterna, construindo o respeito pelo diálogo.

Esse exemplo deve ser levado a escola. E de que forma? A família deve manter uma socialização com a escola, levando ao conhecimento da pedagoga o que ocorre em casa e pedindo informações sobre como essa criança se comporta na sala de aula. Esse comportamento é referência para a criança, é uma parceria que a criança aprende com sua família. Para que tudo isso ocorra normalmente a pedagoga deve convidar, conforme exigências da escola se por meio de recados ou verbalmente, a família a participar de festas e reuniões, alimentando essa parceria tão importante para a criança enquanto aluno.

A escola atua de forma a ampliar a noção de meio social, desfazendo a coação, muito comum na relação entre crianças e adultos, construindo a noção de cooperação (BESSA, 2010):

Genericamente, pode-se dizer que a cooperação, como recurso pedagógico, coloca em prática a tese piagetiana de que não é conhecimento aquilo que o educando adquire passivamente e, mais ainda, que não é possível conhecer um objeto qualquer por meio de um único ponto de vista. O trabalho em equipes permite que os alunos atuem sobre

os saberes a serem aprendidos, que pesquisem, que busquem novas fontes de informação, que levantem dados sobre os conteúdos escolares, e principalmente, que façam tudo isso traçando ideias, uns com os outros, trabalhando cooperativamente na construção do conhecimento (CUNHA, 2003, p. 98, apud BESSA, 2010).

Quando o pedagogo consegue a cooperação da família no sentido de trocarem informações quem ganha é a criança. Mas para que essa cooperação seja real, mais uma vez o pedagogo deve ter práticas pedagógicas para conquistar esse campo, ou seja, dentro dessas práticas, mostrar a família sua importância na construção do conhecimento da criança.

Qualquer proposta que visa reforçar a ligação entre o universo escolar e a realidade familiar deverá ser pensada no contexto de uma organização que vive, pensa, decide, planifica e interage, como verdadeira comunidade educativa.

Segundo Singly (2007), uma criança cuja família se faz presente na escola evolui com mais segurança, pois ela sente que tem o apoio da família e em qualquer dificuldade que possa surgir, será acompanhada pelo pedagogo juntamente com os responsáveis. Sendo a família presente, o pedagogo terá conhecimento do contexto familiar da criança e mais facilidade de ajudar a sanar essa dificuldade. O acompanhamento familiar dos estudos é uma necessidade, tanto para detectar o mais rapidamente possível as eventuais derrapagens para resolvê-las imediatamente quanto para estimular o esforço dos próprios jovens.

A relação entre escola e família é fundamental, pois a afetividade deve ser tratada em ambos os cenários, de forma contínua e intencional. Os pais devem entender a importância do seu papel e a escola ser a extensão desta formação.

Segundo Augusto (2013), enquanto a família entrega seu filho e a escola o recebe como seu aluno, muitos são os sentimentos que participam simultaneamente das relações que então se estabelecem. A busca de uma boa relação entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco o filho-educando. Além disso, a escola exerce uma função educativa também junto aos pais, discutindo, informando, aconselhando, orientando, encaminhando os mais diversos assuntos, para que família e escola, em colaboração mútua, possam promover uma educação integral das crianças e jovens sob sua responsabilidade.

Tudo aquilo que a família e a escola juntas puderem melhorar no sentido de educar a criança, terá bons resultados. Estes poderão aparecer ainda no mesmo ano letivo no qual sua família se interessou em procurar sua escola e juntas compartilhar o que há de melhor no ensino.

É uma parceria que vem dando bons resultados a alguns anos, mas somente quem está contido nesta parceria ou que já passou por essa parceria pode entender seu real significado positivo.

A participação da família no cotidiano social da escola é uma das perspectivas de cooperação que vem ganhando destaque atualmente. Segundo recentes pesquisas, o simples fato de os pais perguntarem aos filhos a respeito de suas atividades escolares aumenta seu rendimento em mais de 50% (BARROS, 2015).

Barros (1990) cita também que essas informações são fornecidas pelos pedagogos. Sua figura, seu papel como educador, difusor de conhecimento e agente social são fatores muito discutidos não apenas pela sociologia da educação, mas também pela psicologia e pela pedagogia, principalmente onde a função do pedagogo na sala de aula é constantemente questionada e ressaltada.

Para Chechia (2010), a família pode estar incorporando diferentes significados sobre a escola, os quais parecem indicar a possibilidade de um novo perfil para a relação família-escola.

Na visão da escola, o núcleo familiar está sendo analisado a partir de diversas concepções sociais e contemporâneas, segundo as quais, a escola deve buscar imediatamente ajustar-se às mudanças familiares. A noção de constante adaptação a uma família que passa por rápidas e intensas mudanças é central na maioria dos ideários pedagógicos contemporâneos. A educação escolar enquadra-se na lógica da nova família? A educação escolar está sendo posta em sintonia com esse esvaziamento completo de responsabilidades? Ou seja, cada vez mais, a família tem sido responsabilizada pelos contratempos e conflitos escolares (CHECHIA, 2010, p.2)

Para Bock (2000 apud CHECHIA, 2010), a escola deveria cumprir o papel de preparar as crianças para viverem no mundo adulto, trabalhando e assimilando a cultura, as regras sociais, os conhecimentos básicos, os valores morais coletivos, os

comportamentos considerados adequados pela sociedade, estabelecendo uma mediação entre a criança e a sociedade.

5 Considerações Finais

Diante do referencial teórico baseado nas teorias do desenvolvimento comportamental, entende-se que os estudos do desenvolvimento infantil colaboram para o entendimento dos processos biológicos e culturais envolvidos na formação das pessoas como sujeitos sociais.

Dessa forma, tais conhecimentos sobre a evolução humana permitem aos educadores entenderem melhor seus alunos nas suas características globais, ou seja, cada criança tem sua característica, que geralmente é formada pela família, porém, o educador tem a necessidade de compreender o modo de agir e pensar de cada aluno, contribuindo para uma melhor qualidade do seu trabalho no dia a dia.

Outro dado importante no estudo foi a posição que os educadores precisam para trabalhar, ou seja, estarem atentos aos estágios do desenvolvimento porque a compreensão desses estágios auxilia na construção de suas práticas pedagógicas.

Na educação é muito importante que os educadores se conscientizem de que o ato de educar envolve além da transmissão de conhecimentos, a promoção do desenvolvimento dos processos psicológicos que envolvem os conhecimentos.

A criança que tem um processo de aprendizagem mais lento pode ser identificada a falta de afetividade. Neste ponto, o elogio, a autoestima e o trabalho em conjunto escola e família serão fundamentais para a correção do problema. Assim a escola deve conhecer quem é o aluno em casa e a família deve conhecer quem é o filho na escola.

Finalmente a criança carece de um trabalho mais dinâmico por parte de sua educadora, é preciso planejar as aulas levando em conta as adaptações dos conteúdos às necessidades referentes tanto a faixa etária como suas capacidades de raciocínio, principalmente aquelas que sofrem por falta de afetividade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, JS. **Jogos para o ensino de conceitos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- AFETIVIDADE. In: Dicio – Dicionário On-Line de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em: 2 out. 2018.
- AZEVEDO, M.A. e GUERRA, V.A. **Violência doméstica na infância e na adolescência**. São Paulo: Robe, 2000
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia de Desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Ática, 2015.
- BERBERIAN, AP. BERGAMO, A. **Psicogênese das linguagens oral e escrita: subsídios para alfabetização e letramento**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009
- BESSA, VH. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2010.
- GOULART, M. **Da aprendizagem familiar a aprendizagem escolar**. ABCEducatio, ano 6, nº 49. São Paulo: Criarp, 2005.
- KALOUSTIAN, S.M. **Família brasileira a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 2002
- MATHIAS, M.V. **Família, porto seguro dos filhos**. ABCEducatio, ano 7, nº 61. São Paulo: Criarp, 2006
- PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Editora: Livros Técnicos e científicos, 1990
- PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.
- PIAGET, J. A formação do símbolo da criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. In: BESSA, VH. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2010.
- ROSA, JL **Ação pedagógica para a inclusão da pessoa com DI**. Jaboticabal: Faculdade São Luis, 2009.
- SÁ, MSMM. (et al). **Introdução à Psicopedagogia**. Curitiba: IESDE, 2006.
- SERRA, DCG. **Teorias e prática da psicopedagogia institucional**. Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2009.

Recebido em 13/12/2018

Aprovado em 11/3/2019